

“MEU ADEUS A VIDA” (Cora Coralina, 1965).

Maria Elizia Borges

UFG/PPGH- Goiânia

Chega um momento na vida em que muitos poetas se preocupam em expor o que sentem a respeito da sua própria morte. Foi o caso da poetisa e contista brasileira Cora Coralina (Ana Lins dos Guimaraes Peixoto; *1889, Cidade de Goiás - †1985, Goiânia). Na lápide de granito de seu túmulo, encomendada e subscritada por ela em 1965, leem-se versos singelos, marcados pela simplicidade, imbuídos de elementos de sua contemplação – a árvore, a lira, as folhas verdes – e pela crença na ressurreição do homem, pois acreditava que “não morre aquele que deixou na terra a melodia de seu cântico na música de seus versos” (Figura 1). Assim, Cora Coralina também homenageia todos os escritos nos quais se inspirou, além de evitar, segundo disse, que escrevessem “bobagens no túmulo” depois de sua morte (Velasco, 2017).

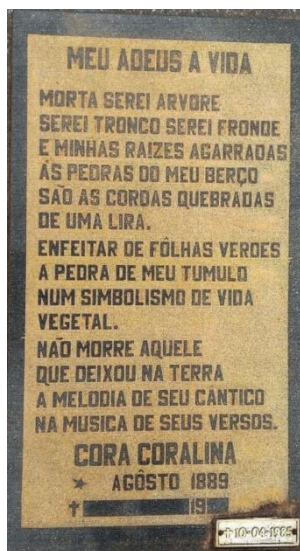


Figura 1 - Lápide do túmulo de Cora Coralina. Cemitério São Miguel, Cidade de Goiás
Fonte: Foto da autora.

O que levou Aninha, como a chamavam, uma mulher que até então se achava mais doceira do que escritora, a se preocupar em fazer sua lápide?

Certamente foram os escritos em que descreve a ação do tempo que contribuíram para que pensasse sobre a morte e a velhice. Quando lança em 1965 seu primeiro livro, *O Poema dos becos de Goiás e Estórias Mais*, seus versos poéticos estão abalizados pela presença de suas memórias, pois neles descreve a geografia, os rios, os sobrados e o cotidiano das pessoas da Cidade de Goiás.

Esse livro e a feitura da lápide não constituíram, todavia, uma morte anunciada, e sim o nascer de uma nova vida para uma mulher de 76 anos de idade que passou a se dedicar mais à literatura que aos doces e que foi reconhecida nacionalmente pela crítica literária e pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, em 1980. Segundo a diretora do Museu Cora Coralina, Marlene Gomes Velasco (2017), desde que cunhou sua lápide, Cora Coralina teve de conviver com ela em sua casa, mudando-a sistematicamente de lugar até seu falecimento em 1985, aos 96 anos.

Provavelmente foi em 1965 que Cora Coralina refez e ampliou o espaço do túmulo de seu pai, desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimaraes Peixoto (*1821, Paraíba - † 1889, Cidade de Goiás), mediante a compra do jazigo ao lado, onde foi enterrada. Seu pai era originário de Areia (PB), e, ao assumir o cargo de desembargador na Cidade de Goiás, ali constituiu família, casando-se com Jacinta Luiza do Couto Brandão, que pertencia a uma família tradicional. Quando faleceu, aos 68 anos, Aninha só tinha dois meses de idade e mesmo assim parece que as histórias contadas sobre ele foram marcantes para a poetisa, uma vez que optou em vida por ser enterrada ao lado do túmulo do pai e na cidade que ela tanto amava (Figura 2).

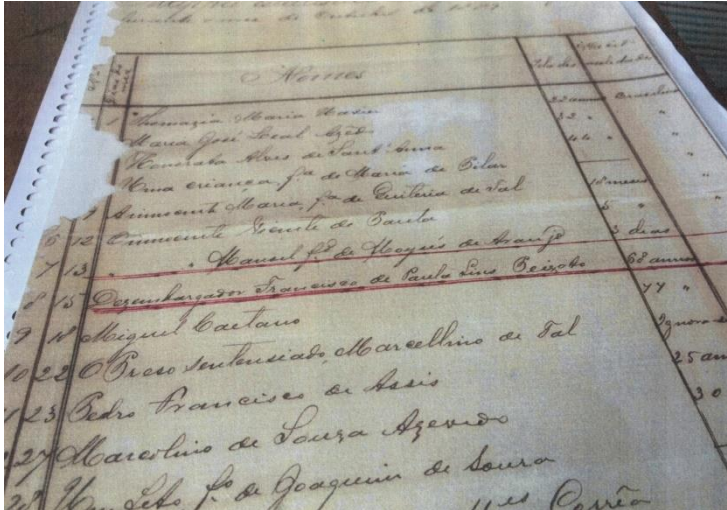


Figura 2 - Fac-símile do livro de registro de mortos em 1889 com o nome do desembargador Guimaraes Peixoto no Cemitério São Miguel, Cidade de Goiás.
Fonte: Museu de Cora Coralina, Cidade de Goiás.

A sua mãe, Jacinta Luiza do Couto Brandão, casou-se novamente e teve outra filha, e ao falecer, em 1937, não foi enterrada no túmulo de seu primeiro marido.

Cora Coralina casou-se com Cantídio Tolentino Figueiredo Bretas e habitou-se em várias cidades do Estado de São Paulo. Seu marido faleceu em 1934 na cidade de Palmital (SP), e em 1956 ela retorna à Cidade de Goiás. A convivência de Cora Coralina com sua mãe e sua meia irmã parece ter sido escassa, uma vez que ela ficou muitos anos distante dos familiares. Seu retorno à Cidade de Goiás deve-se ao fato de ela ter se tornado herdeira da casa que pertencia aos seus avós maternos, local onde passou a morar sozinha, vendendo seus doces e dedicando-se aos seus versos e contos. Sua casa abriga hoje o Museu Cora Coralina, um dos locais mais visitados da cidade.

Voltando ao túmulo do desembargador Guimaraes Peixoto, ele foi construído na quadra 14 do Cemitério São Miguel (1858), e foi administrado inicialmente pelos gerenciadores do Hospital de Caridade São Pedro d'Alcântara vinculado à igreja católica, apesar de ter sido constituído como espaço secularizado, conforme o *Relatório Governo da Província de Goyaz de 1856-1859* (Borges, 2005). Constata-se, então, que o monumento funerário do

pai de Cora Coralina foi construído na parte antiga do cemitério, 31 anos após a sua inauguração.



Figura 3 - Túmulo onde estão enterrados o desembargador Guimaraes Peixoto e a poetisa Cora Coralina; lapide do desembargador no Cemitério São Miguel, Cidade de Goiás.
Fonte: Foto da autora.

Da construção original do túmulo do desembargador, ou seja, antes de ser readequado por Cora Coralina, resta uma coluna partida, o epitáfio com dados do falecido, contornado por uma coroa de flores de teor artesanal apuradíssimo, e a imagem de uma pranteadora jovem, debruçada e abraçada a uma cruz latina, todos em mármore de Carrara. A pranteadora, que traz a cabeça abaixada, tem um rosto angelical e triste, personificando assim o seu sentimento de dor diante da perda desse ente querido. O vestuário longo e todo drapeado da jovem remete à arte greco-romana. O cabelo longo e encaracolado é similar às representações dos inúmeros anjos encontrados em abundância no Cemitério São Miguel. Ao abraçar a cruz, símbolo de salvação para o cristianismo, a pranteadora demonstra, de certa forma, sua veneração e respeito para com Deus e com o desembargador (Figura 4)

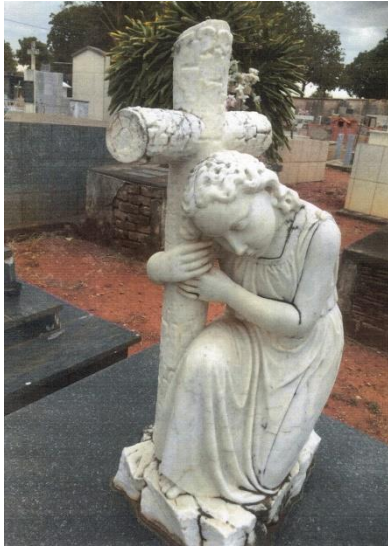


Figura 4 - Detalhe da pranteadora do túmulo do desembargador e de Cora Coralina
Fonte: Foto da autora.

Para o pesquisador Nicholas Penny, as várias versões de pranteadoras tornaram-se temas predominantes na escultura sepulcral inglesa a partir da metade do século XVIII até a metade do século XIX. Também não fica claro para o autor se essas figuras representam amizade ou parentesco com o falecido ou se só personificam virtudes estabelecidas pelo cristianismo (Penny, 1979, p. 189).

No conjunto de peças resguardadas da primeira versão do túmulo do desembargador e das modificações introduzidas por Cora Coralina, fica evidenciada a possibilidade de terem elas sido adquiridas de marmorarias de italianos estabelecidos na região do Triângulo Mineiro ou no estado de São Paulo. Modelos análogos aos de Goiás também eram encontrados em diversos cemitérios do Brasil e de países da Europa, pois eram reproduzidos em série, em vários tamanhos e em versões variadas. Como exemplo de peça similar de pranteadora foi escolhido para este texto, a título de comparação, o túmulo da família do Dr. Friedrich Langenbeck construído em 1871, no Cemitério de Alte Friedhof (1729), no município de Bad Arolsen, no estado de Hesse, na Alemanha (Figura 5). Nele, a pranteadora, também jovem, apresenta-se em posição análoga à do túmulo de Cora Coralina, pois é sabido que as marmorarias reproduziam modelos de catálogos europeus que também circulavam no Brasil, sobretudo os de origem alemã e italiana (Borges, 2002).



Figura 5 - Túmulo da família do Dr. Friedrich Langenbeck, 1871
Fonte: Ekkehard Jaeger e Konrad Wiederhold, 2004.

Quanto à estrutura formal do túmulo do desembargador Guimaraes Peixoto, possivelmente ele tinha uma base horizontal e uma cabeceira retangular que sustentava no topo o anjo abraçando a cruz latina. Pode-se imaginar também outra base mais modesta, que contivesse o seu epitáfio encostado na coluna partida, símbolo da interrupção da vida e a peça da pranteadora. Esse tipo de construção funerária foi muito recorrente no fim do século XIX e começo do século XX em cemitérios brasileiros. Encontra-se no Cemitério São Miguel alguns túmulos com modelos estruturais mencionados aqui, como exemplo o da Família Abrantes, instalado em 1915 (Figura 6).

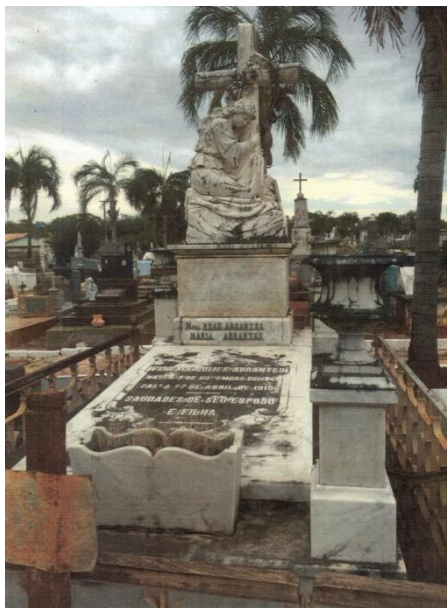


Figura 6 - Túmulo da Família Abrantes, 1915. Cemitério São Miguel, Cidade de Goiás.

Fonte: Foto da autora.

O que levou Cora Coralina a comprar o terreno do jazigo ao lado do de seu pai, construir uma única base coberta com granito preto e manter a peça escultórica de mármore de Carrara e os demais adereços? Presume-se que foi imbuída pela atitude de modernização do local onde ela pretendia ser enterrada, já que se trata de um fato corriqueiro que acontece todos os dias e a toda hora nos cemitérios brasileiros.

Para Varine (2017:17), “nós temos o hábito de olhar nosso patrimônio em função apenas de nossos gostos atuais, da moda, dos critérios científicos ou estéticos fixados por nossos conhecimentos”. Ao criar dois ambientes em um, Cora Coralina instalou um espaço de alteridade ao construir um discurso sobre a memória do seu pai e outro para ela, a poetisa Cora Coralina.

Referências

BORGES, Maria Elizia. **Folder do Cemitério São Miguel**. Goiânia: FAV/ Prefeitura da Cidade de Goiás, 2005.

_____. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930)**. Ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): Italian Marble Carver Craft in Ribeirão Preto. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.

CORALINA, Cora. **O Poema dos becos de Goiás e Estórias Mais**. São Paulo: Ed. José Olympio, 1965.

JAEGER, Ekkehard; WIEDERHOLD, Konrad. **Der Alte Friedhof in Arolsen**. Stadt Bad Arolsen, 2004.

PENNY, Nicholas. Symbol and style in English Nineteenth Century Sepulcral Sculpture. In: JANSON, H. W. (Coord.). **La scultura nel XIX secole**. 24º. CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA ARTE. 6, 1979. Bologna: Editrice Clueb, 1979. p.189-198.

ARQUIVO MORTO DO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL. **Livro de Registro Perpétuo do Cemitério São Miguel**, ano de 1889. Cidade de Goiás, 1889.

VARINE, Hugues de. Por um olhar histórico sobre nosso patrimônio. In: KULEMEYER, Jorge Alberto; CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de (Compiladores). **El lado perverso del patrimonio cultural**. San Salvador de Jujuy: Editorial de la Universidad Nacional de Jujuy - EDIUNJU, 2017. p.17.

VELASCO, Marlene Gomes. Depoimento. Entrevista concedida a Maria Elizia Borges, na Cidade de Goiás, em 29 de outubro de 2017.

MARIA ELIZIA BORGES. Pesquisadora de produtividade do CNPq. Projeto integrado de pesquisa: "Imagens da morte: arte funerária no Brasil" (PQ – 1D). Ministra aulas nos Programas de Pós-Graduação em História (FCHF). Tem artigos publicados no país e no exterior sobre arte funerária no Brasil. Livros publicados: *A pintura na "Capital do Café": sua história e evolução no período da Primeira República* (1999); *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto* (2002); *Estudos Cemiteriais no Brasil: catálogos de livros, teses, dissertações e artigos* (Org., 2010); *Um olhar sobre o espaço da morte = Um regard sur l'espace de la mort* (catálogo da exposição, 26 de outubro até 24 de outubro de 2017, Centro cultural UFG). Integra o Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), a Associação Nacional de História (ANPUH), a Association for Gravestone Studies (AGS/USA), a Red Iberoamericana de Valoración y Gestión de Cementerios Patrimoniales, da qual foi vice-presidente de 2010/2012, e a Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), da qual foi presidente de 2009-2012.